

X CONGRESSO LUSO-AFRO-BRASILEIRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS

sociedades desiguais
e paradigmas em confronto



Volume V

Globalização, política e riscos:
Segurança, ambiente e saúde

Manuel Carlos Silva et al. (orgs)
Centro de Investigação em Ciências Sociais (ed)
Instituto de Ciências Sociais
Universidade do Minho

respostas mais efetivas aos efeitos negativos da globalização e fortalecimento da classe trabalhadora no enfrentamento das contradições inerentes à exploração do capital sobre o trabalho. E a formação de um bloco cooperativo é condição primordial para que esses objetivos e a satisfação de necessidades sejam alcançados.

Entendemos que o cooperativismo se vivenciado verdadeiramente no que tem de melhor, os seus valores e princípios, pode ser com certeza, instrumento de emancipação da classe trabalhadora, frente à barbárie imposta pela produção capitalista que tem os seus princípios assentados na produção de mercadorias que só visam o mercado; separação entre proprietários dos meios de produção e trabalhadores; conversão da força de trabalho em mercadoria sob a modalidade do trabalho assalariado e na extração da mais valia sobre o trabalho cedido ao detentor dos meios de produção como estratégia para a ampliação incessante do valor investido na produção, sendo a mais-valia finalidade direta e móvel determinante da produção, cabendo à circulação garantir a realização do lucro e a reposição ampliada do capital.

Referências

- Albuquerque, T. W. Entendendo a Globalização e sua influência nos Blocos Econômicos. <http://www.mt.trf1.gov.br/judice/jud13/entendendo.htm>. (Consultado na internet em 12 de dezembro de 2007).
- Gómez, J. M. (2002). Política e democracia em tempos de globalização in: Gentili, P. (Org.) Globalização excludente: desigualdade, exclusão e democracia na nova ordem mundial. Petrópolis - Vozes -
- Ianni, O. (1991). A questão social, In: São Paulo em Perspectiva, v. 5, n.1. São Paulo: SEADE.
- Jamur, M. (1999). Solidariedade (s). In: Revista O social em questão, Rio de Janeiro, PUC, Departamento de Serviço Social. (v.4).
- Monteagudo, R. M. T. (2001). Revisão dos Princípios Cooperativistas. Doutrina Econômica da Cooperação e a Globalização da Economia. São Paulo: Ed. Escritor.
- Oliveira, F. de. Cooperativismo e associativismo de trabalho: a emergência das economias sociais na nova ordem globalizada. Disponível em: www.vucapinhoiro.com/vucapage/associat.htm (Consultado na internet em 05 de maio de 2008).
- Rios, G. (1989). O que é cooperativismo. São Paulo: Brasiliense.
- Schneider, J. O. Globalização, Desenvolvimento Local Sustentavel e cooperativismo. Disponível em: <http://www.neticoop.org.uy/IMG/pdf/dc0380.pdf> (Consultado na internet em 05 de maio de 2008).
- Silva, F. F. Importância das cooperativas de trabalho no combate ao desemprego estrutural. <http://www.univap.br/biblioteca/hp/Mono%202001%20Rev/012.pdf> (Consultado na internet em 05 de maio de 2008).
- Singer, P. S. (2003). André, R.. A Economia Solidária no Brasil, A autogestão como resposta ao desemprego. São Paulo: Contexto.
- Singer, P. (2000). Globalização e desemprego: diagnósticos e alternativas. 4ª ed., São Paulo: Contexto.
- Rossi, A. C. S. (2008). Cooperativismo à luz dos princípios constitucionais. 4ª Edição. Curitiba: Juruá.

O Consumo para os Outros: os Presentes

Alice Duarte
Faculdade de Letras da Universidade do Porto
alice_duarte@otmail.com

Resumo: Tendo em mente a investigação por mim realizada no âmbito do consumo pessoal e familiar cujo universo empírico abrangeu um conjunto de 24 agregados familiares pertencentes à “classe média”, atendi em particular às práticas de consumo em termos da sua utilização para a criação e manutenção das redes de sociabilidades dos informantes. O consumo para os outros na forma de presentes será documentado em termos do papel instrumental dos bens de consumo enquanto complementos do mundo relacional dos sujeitos. Efectuando um levantamento exaustivo das situações de oferta e troca de presentes, mais e menos ritualizadas, é possível alcançar uma imagem sistematizada sobre quem são as pessoas ligadas pelos rituais de troca e como é que os itens de consumo ligam entre si as pessoas que os compram e as pessoas que os recebem como presentes.

Introdução

As actividades de consumo e as práticas dos actores sociais com elas relacionadas têm suscitado, na última década, uma incontornável proliferação de análises e contextualizações fazendo emergir o consumo como uma das mais proficuas áreas de estudo, não apenas na Antropologia mas também em várias outras disciplinas sociais (Duarte, no prelo). Apesar de tal desenvolvimento reforçar a percepção crescente da necessidade de pesquisas empiricamente suportadas, nem sempre a intensificação destas tem acompanhado o incremento daquele. No presente texto, tendo por base uma investigação que recorreu à realização de entrevistas extensivas semi-estruturadas em articulação com uma significativa componente etnográfica, procuro salientar alguns dos resultados alcançados quanto ao papel instrumental desempenhado pelos bens de consumo na consolidação e desenvolvimento das relações interpessoais dos actores sociais.

Em termos amplos, a investigação tinha por objectivo documentar o processo de consumo enquanto meio instrumental de expressão e comunicação dos actores sociais, elucidando sobre as construções de valor e de sentido inerentes aos seus processos de apropriação de mercadorias. A possibilidade de conceber o processo de consumo como meio instrumental de objectificação de ideias radicadas e constituintes de estruturas de significado domésticas e privadas pressupõe a subscrição conjunta de dois pontos prévios fundamentais: o reconhecimento da natureza social da mercadoria e da possibilidade de relações singulares e simbólicas entre pessoas e coisas, mesmo nas sociedades de economia de mercado. Concretizada sobre um universo empírico formado por 24 agregados domésticos pertencentes à “classe média”,¹ a pesquisa beneficiou da adopção de um dispositivo metodológico articulado cuja componente etnográfica sustentou a efectivação de prolongados e repetidos contactos com os informantes, bem assim como a sua consideração não como indivíduos isolados mas enquanto membros das respectivas unidades familiares, através do que foi possível um mais efectivo acesso às experiências subjectivas de consumo das pessoas e uma compreensão contextual dos sujeitos que as viviam e concretizavam. O carácter qualitativo e intrusivo das observações realizadas permitiu, entre outras coisas, o levantamento exaustivo dos contextos de troca e oferta de presentes, dos mais recorrentes aos mais esporádicos, em que as famílias participavam. Subscrito o pressuposto básico de que as pessoas se socorrem da sua cultura material para se auto-expressarem, o levantamento de todas as ocasiões de troca e oferta de presentes, bem assim como dos bens efectivamente dados e recebidos em cada uma daquelas ocasiões, constitui um manancial de informação importante para se equacionar a utilização dos bens de consumo enquanto mediadores de relacionamentos sociais e afectivos.

Atendendo ao ciclo completo anual de presentes e, nomeadamente, ao circuito alargado de presentes natalícios, pretendo aqui abordar os bens de consumo em termos da sua capacidade para corporizar fluxos de sociabilidade. Não se trata de insistir ou atestar a existência de um “sistema de dádivas” também na nossa sociedade, mas, antes, ultrapassando decididamente qualquer oposição entre “mercadoria” e “presente”, centrar a análise interpretativa sobre os próprios bens de consumo enquanto complementos relacionais dos sujeitos. Os “presentes” como categoria de bens em circulação aqui considerados abrangem todas as coisas trocadas pelas famílias, quer enquanto unidades domésticas, quer pelos seus membros a título mais individual, dentro e fora dessas unidades. Os contornos da categoria de “presente” assim definida são muito amplos, devendo ficar entendido que dela estão excluídas apenas as suas variantes não materiais, como ofertas em trabalho ou sob qualquer outra forma imaterial. Quanto aos relacionamentos interpessoais, eles foram abordados na sua dimensão relacional corrente e consideradas quer as redes de sociabilidades familiares, cujo funcionamento regular coloca os indivíduos e os agregados em contextos mais ou menos definidos de obrigações mútuas, quer as redes de laços sociais mais dependentes de lógicas de electividade como os círculos de amizade, de vizinhança e profissionais corporizadores da categoria “amigos”.

Na análise que se segue atendo à dinâmica da troca de presentes dentro de um universo empírico constituído no interior da classe média, procurando tornar explícito e sistematizado quem são os sujeitos que participam nessa circulação de bens e como é que tais bens são usados para criar e fortalecer as ligações entre esses sujeitos.

Sistema Familiar de Troca de Presentes

Numa visão panorâmica dos laços sociais mobilizadores de rituais de troca, surge como notória a preponderância absoluta das relações familiares. A esfera de sociabilidade que mais utiliza ou se torna manifesta pelo recurso ao mecanismo da troca de presentes é, sem dúvida, a familiar. Contrariando algumas vozes apocalípticas que profeciam o fim das relações familiares ou mesmo da família e, antes, em concordância genérica com Pahl (1995: 179) e a sua opinião de que “as relações familiares estão agora (...) mais fortes do que em qualquer altura do passado”, posso atestar a actualidade da família como rede de obrigações e afinidades sociais expressa pela circulação de presentes.²

Ao nível do consumo para os outros, uma das mais consistentes tendências a assinalar é a importância da família como origem e destino dos presentes. Uma elevada proporção das prendas trocadas ou oferecidas tem como destinatários os familiares, cujo grau de parentesco como que os distribui em círculos concêntricos cada vez mais afastados de troca. O primeiro desses círculos, que apresenta o nível mais intenso de trocas, abrange os membros da família elementar, nele se evidenciando como destinatários privilegiados os filhos e os cônjuges. No círculo seguinte é transposta a família nuclear mas, no essencial, apenas em virtude da dissolução parcial da unidade doméstica pelo movimento de constituição de novos lares por parte dos descendentes. Em função disso, ainda que residentes agora em espaços distintos, alguns dos parentes abrangidos são os mesmos – pais, filhos e irmãos – mas surgem também outros novos: os cônjuges dos filhos e os netos, os cônjuges dos irmãos e seus descendentes e os ascendentes do respectivo cônjuge. Este segundo círculo pode atingir uma dimensão significativa e nele os destinatários privilegiados – para além dos filhos, em relação aos quais é possível afirmar tenderem a beneficiar de tal estatuto durante toda a vida dos respectivos ascendentes – são, agora, os netos, bem assim como, a alguma distância, os pais e as irmãs. O terceiro círculo é formado por tios e primos em extensão diversa, em relação aos

¹ Trata-se de um universo empírico constituído por selecção a posteriori de entre um conjunto mais alargado de indivíduos inicialmente contactado, verificando-se a retenção apenas dos agregados cuja posição na estrutura social fosse classificável como “classe média” de acordo com a tipologia classificatória de classes de J. F. de Almeida (et al., 1990) e simultaneamente satisfizessem dois outros critérios estabelecidos: manterem uma ligação clara em termos de residência e forma de estar com o meio urbano e, em termos de ocupação profissional, ligação ao sector terciário.

² Para Portugal, diversos estudos de Sociologia da Família têm atestado, ao mesmo tempo, as mutações significativas desta unidade social e o seu dinamismo adaptativo (Nunes de Almeida, 1993; Wall, 1994; Guerreiro, 1996).

quais é assinalável uma intensidade de oferta variável. Em termos globalmente abrangentes é clara a relevância dos dois primeiros círculos referidos e, mormente, da importância da família elementar no sistema familiar de troca de presentes

Destacando as principais categorias de parentes implicados na circulação de bens como presentes, é de salientar a recorrência absolutamente dominante dos pais – em relação a filhos de todas as idades – surgirem como os grandes disponibilizadores de presentes. O padrão francamente dominante dos pais como dadores e dos filhos como receptores assimétricos de presentes faz-se sentir a propósito de situações quer mais formais, como os aniversários e o Natal, quer mais esporádicas e ocasionais de oferta.³ Em simultâneo, porém, os filhos presenteiam os pais desde muito tenra idade, antes de deterem qualquer autonomia financeira ou, até, de serem capazes de obter por si o presente, o que significa que o próprio comportamento de oferta aos ascendentes surge como fazendo parte do processo de socialização quotidianamente ministrado pelos pais.⁴ De um modo geral, espera-se que os filhos assinalem com presentes o Natal, o aniversário dos ascendentes e os Dias da Mãe e do Pai e, em geral, eles fazem-no.

Apresentando algum contraste com o acabado de notar, entre os irmãos não existem normalmente presentes durante a infância, mas eles podem também começar a surgir ainda antes da autonomia financeira dos implicados, com recurso aos mealheiros ou aos pais como financiadores das prendas de Natal e aniversário que podem começar a surgir pelo fim da adolescência. Quando as diferenças de idade, ou outras razões, fazem com que uns participem já da vida activa e outros não, estes tendem a ser contemplados de forma especialmente atenciosa, sobretudo se aqueles não têm ainda excessivos encargos familiares. Entre irmãos já adultos e com as respectivas famílias elementares constituídas, as possibilidades parecem ser muito variadas, sendo, contudo, identificável como recorrência significativa a maior permanência e importância dos presentes entre irmãs, por contraste quer com os dos irmãos do sexo masculino, quer entre irmãos de sexos diferentes. Uma outra recorrência ao nível das trocas de presentes entre irmãos e cunhados é, por vezes, a reorientação das ofertas para a geração subsequente, sobretudo para os sobrinhos-netos quando estes passam a existir, em detrimento dos seus avós ou pais, o que deve ser entendido como uma tática de extensão das relações familiares a mais uma geração sem que tal implique o aumento de encargos financeiros.

Outra categoria principal de parentes implicados no sistema familiar de troca de presentes são os cônjuges cujas ofertas apresentam a particularidade de uma tendência reforçada para os presentes mútuos. Entre a generalidade dos casais a prática do presente esporádico ou ocasional é quase inexistente, tendendo a dominar os momentos de oferta mútua. A contra-oferta simultânea – não apenas pelo Natal, como para a generalidade dos outros parentes, mas também em várias outras ocasiões, datas especialmente comemorativas ou relevantes para o casal – potencia (e também indicia) uma espécie de ansia em retribuir ou a necessidade de afirmar uma reciprocidade equilibrada que, em si mesmo, pode ser olhada como um reforço simbólico da ligação entre os dois cônjuges. O retorno simultâneo, pelo que nele está implícito de reciprocidade, torna-se aqui mais importante porque é um meio de declarar o carácter mútuo das relações existentes. Em função disso, a troca de presentes entre cônjuges comporta uma ansiedade ou tensão latente que está ausente da troca de presentes entre os outros membros da família nuclear. Nomeadamente em relação à data do aniversário de casamento ou a outras datas igualmente significativas apenas para o casal e que, portanto, não podem ser lembradas por nenhuma azáfama de compras mais geral, a ansiedade manifesta-se logo a propósito de saber se o outro não irá esquecer tais datas. Mais do que em qualquer outro contexto de troca de presentes, sobre tal esquecimento ficará a pairar a possibilidade do facto poder ser entendido como desinteresse na relação comum.

No seu conjunto, a análise das práticas de sociabilidade por intermédio da circulação de presentes demonstrou que os círculos familiares se apresentam como o foco destacado da origem e do destino de presentes, o que deve ser entendido como um mecanismo que permite aos laços familiares auto-reproduzirem o seu próprio reforço. Em paralelo, tal circulação de presentes entre familiares é um meio de estruturação da intimidade dos parentes através da sua distribuição pelos três círculos concêntricos distintos. A participação activa no circuito familiar alargado de presentes, abrangendo potencialmente parentes dos dois círculos mais exteriores, é um mecanismo utilizado como meio de afirmação e comunicação de que se constituiu uma nova unidade familiar que passará a alimentar autonomamente aquele circuito de troca de presentes.⁵ Aqui, tanto mais quanto nos aproximamos do círculo central, a reciprocidade não é, nem precisa ser, estritamente simétrica.

Em termos de tendências globais, surgem, então, como muito reduzidas as situações em que outras pessoas ombreiam lado a lado com os membros da família como destinatários de presentes. A possibilidade disso acontecer parece limitar-se à pessoa do par amoroso, sobretudo quando lhe é dedicada uma atenção apaixonada.⁶ Mesmo os mais jovens, ainda sem autonomia financeira, que reduzem os seus presentes aos membros da respectiva família elementar, se têm namorada/o, essa é a única pessoa também presenteada, elevando-a ao nível dos pais e irmãos. A universalidade do par amoroso como destino de presentes – nomeadamente, pelo aniversário, Natal e Dia dos Namorados – e o facto de, muitas

³ A tendência dos pais como os grandes disponibilizadores de presentes pode deixar de se verificar apenas aquando da existência de flagrantes condicionantes sócio-económicas ou quando os pais, sem serem demasiado débeis em termos financeiros, foram, contudo, francamente ultrapassados pelos descendentes em termos da melhoria das condições materiais de vida, sendo neste caso verificável alguma reorientação a favor dos netos.

⁴ Como Godbout (1992: 61) defende, a criança não é destino unilateral de presentes dado, desde cedo, participar na sua oferta aos membros da sua família elementar.

⁵ Pelo contrário, os jovens adultos, mesmo se já activos profissionalmente mas quando ainda não autonomizados da sua unidade familiar, tendem a não participar activamente naquele circuito familiar alargado, presenteando apenas os membros da sua família elementar, embora recebam presentes de outros parentes cuja contra-oferta fica, contudo, a cargo dos pais.

⁶ Por par amoroso pretendo referir-me aos “namorados” entendendo estes como as pessoas cujos relacionamentos afectivos não foram, por qualquer meio, tornados laços institucionais.

vezes, apenas ele e os parentes mais próximos serem presenteados permite perceber que se procede a uma equiparação afectiva entre um e os outros e que, por outro lado, isso é em grande parte concretizado e expresso pela idêntica atenção dispensada à obtenção dos respectivos presentes, todos entendidos como identicamente merecidos. O padrão genericamente difundido do par amoroso ser sempre contemplado com presentes, muito provavelmente até, com múltiplos presentes, todos alvo de atenção cuidada, evidencia de forma clara o correlativo desempenho destes como meios de corte amorosa. De forma especial, neste caso, procura-se que os presentes escolhidos possam cativar/ligar o outro, não apenas através das suas características mais evidentes ou concretas, mas, sobretudo, pelas suas potencialidades sugestivas através das quais se procura remeter para apropriações particulares especialmente significativas para as duas pessoas em questão.

Os Amigos como Destinatários de Presentes

Ainda que em termos gerais não possam, de modo algum, ser colocados lado a lado com os membros da família, os amigos constituídos como categoria sócio-afectiva significativa tornam-se, também eles, destinatários regulares de presentes. Ao nível destas redes de sociabilidade como origem e destino de presentes torna-se saliente que a troca é geralmente simétrica e assente numa reciprocidade estrita e tendencialmente imediata. Ou seja, neste caso, constata-se que o grau de reciprocidade da troca reproduz o modelo da reciprocidade equilibrada de Sahlins (1972), caracterizada pela inexistência geral de fluxos unidireccionais. De forma recorrente, as ocasiões de oferta tendem a resumir-se ao Natal e/ou respectivos aniversários.

Especificando um pouco mais, é detectável uma clara clivagem entre os mais velhos, que corporizam uma muito fraca incidência de redes de amizade implicando a distribuição de presentes por elas, e os mais novos, designadamente os sub35, entre os quais é notória a emergência dos “amigos” como categoria significativa em termos dessas práticas relacionais. A este nível, parece, portanto, confirmar-se o defendido por Allan (1996) quanto ao facto de, em paralelo com a família, estarem surgindo outras redes de sociabilidade baseadas na amizade. No que diz respeito a presentes natalícios, embora não sendo possível excluí-los totalmente das práticas de qualquer um desses subgrupos etários, é assinalável ainda assim uma considerável diferença entre os mais novos e os mais velhos já que, mesmo não corporizando em nenhum dos casos especial exuberância, os presentes dos primeiros por comparação com os dos segundos surgem, normalmente, numa proporção de quatro ou cinco para um. Mas relativamente às prendas de aniversário, o contraste é ainda mais flagrante porque os mais velhos, pura e simples, tendem a não presentear as suas relações extra-familiares em tais ocasiões. Por outro lado, esta fraca incidência das relações de amizade entre os mais velhos e a sua especial debilidade quando traduzida em termos de troca efectiva de presentes, em contraste com o subgrupo mais jovem para quem os amigos emergem como categoria capaz de suscitar práticas de consumo voltadas para os outros, são recorrências que denunciam a interligação de tais tendências com a melhoria geral, nas últimas décadas, das condições materiais de vida da sociedade portuguesa, cujas anteriores mais diminutas folgas financeiras não permitiriam significativos relacionamentos sociais de cortesia, como por exemplo, a troca de presentes.

Em termos abrangentes e considerando de modo amplo as várias redes relacionais intervenientes na vida dos actores sociais, surge como legítimo defender que a oferta de presentes é um meio fundamental através do qual as pessoas procedem à actualização, regular ou mais esporádica, das suas redes de sociabilidades. Em estreita articulação com isso, a troca e oferta de presentes surgem normalmente associadas a situações, acontecimentos e momentos tidos como agradáveis, felizes e gratificantes que merecem ser assinalados ou comemorados.

Matizes Relacionais e seus Reflexos nos Presentes Oferecidos

As práticas de consumo olhadas em termos da sua utilização ao serviço da construção de sociabilidades surpreendem pela intrincada mistura de sentimentalismo e pragmatismo. Sentimentos como o amor, o carinho, a gratidão surgem expressos por intermédio de bens materiais e tal possibilidade exige a concretização de múltiplos actos práticos suportados por doses efectivas de trabalho concreto e imaginação. O objecto constituído como presente a oferecer tem subjacente à sua aquisição um trabalho de consumo (Miller, 1987) que, levando em linha de conta o futuro destinatário e o próprio dador bem como a relação que os une a ambos, concretiza a sua apropriação e correlativa transmutação de objecto anónimo no presente de uma pessoa específica. Tal processo tem subjacente a observância de um extenso leque de tarefas que se estendem pelo conceber o que seja um presente adequado à situação e sujeito em questão, cruzar informações diversas que constantemente devem ser actualizadas sobre os gostos, desejos e necessidades dos presenteados, percorrer espaços comerciais e lojas específicas, ponderar em termos definitivos a selecção a efectuar, assegurar a adequação do respectivo embrulho e fazê-lo chegar atempadamente ao destinatário. Todas estas ponderações levam a cabo um efectivo trabalho de apropriação que não só transforma objectos anónimos produzidos em massa em bens singulares como, através da sua individualização em função do respectivo destinatário, os capacita como meios de manutenção e reforço das relações sociais e sentimentais dos sujeitos envolvidos. A cansaça, os esforços não regateados, o trabalho efectivo são, então, componentes flagrantes e incontornáveis das actividades de consumo orientadas para os outros e do princípio geral identificado de individualização de cada presente. Perante o grau de dificuldade que parece estar subjacente à obtenção de bens de consumo para oferecer na forma de presentes, quase poderíamos duvidar de que o contexto de fundo é o da “sociedade de consumo” e correspondente abundância de bens.

Importa fazer compreender que a tarefa de compreensão e sistematização das propriedades significativas dos presentes beneficiou da consideração do seu ciclo anual em todas as famílias e em relação a cada um dos seus membros, prestando atenção à lista de presenteados bem assim como aos presentes efectivamente dados e recebidos. De uma forma destacada, os presentes de Natal facilitaram o acesso a material etnográfico relevante. Dado o seu característico circuito alargado de troca de presentes em que, ao mesmo tempo, se presenteiam múltiplas pessoas e se é por elas presenteado, o ritual de Natal torna mais fácil perceber as direcções e os sentidos das trocas efectuadas e a diversidade de modos pelos quais os presentes são tornados meios de manutenção e reforço das relações sociais e sentimentais dos informantes.

Um qualquer indivíduo a presentear não existe para o dador como ser isolado, mas, antes, como um dos elementos componentes das suas redes relacionais, nas quais todos os seus contactos sociais e privados aparecem dispostos ao longo de uma hierarquia de importância afectiva, cujos patamares fazem sentido, sobretudo, quando pensados comparativamente entre si. É consoante a posição relativa que cada destinatário ocupa nessa hierarquia de afectos que é definido o género de presente julgado adequado e também os esforços tidos como justificados para a sua obtenção. Ou seja, os esforços disponibilizados na obtenção dos presentes variam em função das relações afectivas e sociais estabelecidas pelo dador com cada um dos destinatários particulares dos seus presentes.. Tais esforços incluem o zelo, a energia e o tempo dispendidos na procura e selecção dos presentes, mas também o respectivo empenho monetário. No seu conjunto, os esforços concretizados para cada presente reflectem o empenhamento diferenciado que cada relacionamento exige para se manter ou renovar. Um nível elevado de esforços indica geralmente que as pessoas destinatárias de tais presentes são tidas como merecedoras de especial atenção afectiva, amorosa ou social. É neste sentido que as relações existentes entre as pessoas são, de facto, mediadas pelos objectos comprados e oferecidos. Os presentes e todo o trabalho a que a sua obtenção obriga objectificam os sentimentos que ligam as pessoas implicadas em cada relação concreta. Na medida em que bens materiais e sentimentos surgem como intercomunicáveis, uns como expressão dos outros, é que é legítimo afirmar que as relações são actualizadas pelos presentes trocados.

Na impossibilidade de explicitar aqui, com o desejável pormenor, todos os trabalhos de individualização de presentes pelos quais as mercadorias disponibilizadas no mercado são transformadas em objectos singulares capazes de ligar dador e destinatário, centro a atenção apenas sobre o mecanismo da sua diferenciação em termos financeiros em função dos correspondentes matizes relacionais simbolizados. Os presentes natalícios apresentam-se como uma boa ocasião para, através deles, se perceber as relações existentes entre a hierarquia de importância dos presenteados e o escalonamento financeiro das respectivas prendas, sendo que o padrão identificado tem a sua aplicabilidade validada em todas as redes de sociabilidade consideradas, ainda que a sua compreensão analítica tenha sido facilitada pela distribuição diferenciada de presentes na família, entre os três círculos concêntricos de parentes.

O valor financeiro total dispendido é dependente de vários factores entre os quais devem necessariamente ser atendidos a situação socio-económica geral e específica da família e o número de pessoas contempladas.⁷ Mas para lá de toda a variabilidade, verificou-se a existência de um princípio de aplicação universal: os membros da família distribuídos pelos três círculos concêntricos de parentes recebem presentes cujo valor financeiro aumenta da periferia para o centro. Para lá de todas as variações, em todos os agregados considerados, o dispendio financeiro por pessoa presenteada é sempre decrescente desde os elementos da família nuclear aos parentes mais afastados. Explicitando mais ou menos abertamente o escalonamento financeiro estabelecido, as pessoas são sempre guiadas por valores limites de despesa na aquisição das suas prendas. Tal escalonamento não só existe como, de forma consciente, vai sendo actualizado e ajustado às relações familiares e sociais dos sujeitos. Entretanto, constata-se a constância dos parentes mais afastados – bem assim como, dos amigos menos queridos – serem contemplados com presentes de menor valor financeiro e do valor limite estabelecido para essas categorias de pessoas ser religiosamente cumprido. Por contraste extremo, os membros da família elementar recebem sempre presentes de maior valor financeiro e, na maioria dos casos, não só o seu valor limite não é rigorosamente definido como o que foi estabelecido tende sistematicamente a ser ultrapassado.

Perante a preponderância absoluta destas tendências é de todo legítimo reconhecer e fazer notar o papel dos presentes como veículos de afectos capazes de expressar sentimentos privados. Repetindo as ligações detectadas por Caplow (1982 e 1984) e Cheal (1987), também entre os informantes a maioria dos presentes de Natal – e não só – circula no interior das redes familiares, com destaque para o círculo da família imediata; e também entre eles é constatável a tendência da troca desigual, em quantidade e valor, entre pais e filhos cujas preocupações menos pronunciadas com a reciprocidade são relacionáveis com a proximidade afectiva existente entre eles. Uma tal utilização do sistema familiar de troca de presentes constitui uma demonstração clara do desempenho destes como meios de expressão de amor e carinho. Mas para além disso, os padrões identificados tornam igualmente saliente que a troca de presentes – entre familiares, mas também entre amigos – é um meio de estruturação da intimidade das pessoas envolvidas, sendo possível referenciar uma estrita correspondência entre o escalonamento de valores monetários dispendidos nos presentes oferecidos e a respectiva hierarquia de afectos. Ou seja, mesmo sem interrogar os objectos em si, é constatável que tais objectos materiais são postos ao serviço da expressão de afectos e sentimentos pelo recurso ao seu valor diferenciado de custo no mercado. O mais elevado apreço sentido por uma pessoa encontra correspondência bastante directa no preço mais elevado do presente escolhido para ela. Neste sentido, é

⁷ No universo de pesquisa puderam ser encontradas famílias cujos presenteados não atingiam a dezena até outras cujos contemplados ultrapassavam as 80 pessoas, assim como casos de despesa em presentes natalícios, desde os 80 aos 2700 euros; tudo isto entrecruzado com rendimentos pessoais e familiares quer similares quer díspares.

legítimo afirmar não apenas que a compra e troca de presentes servem a manifestação de afectos, mas também que o ordenamento desses afectos surge reproduzido pelo valor nominal diferenciado dos presentes comprados.

Em termos analíticos é fundamental que se reconheça esta possibilidade do próprio valor relativo dos bens de consumo no mercado poder servir o seu processo de apropriação e, por seu intermédio, se expressarem não só afectos mas também gradações nesses afectos. Os objectos oferecidos tornam-se objectificações de fluxos de sociabilidade e sentimentos, também deste modo. Compreender isto, permite deixar de identificar o desejo de ser presenteado e/ou a ambição de receber “bons presentes” como comportamentos “interesseiros”, impróprios do espírito de gratuidade reinante entre familiares e amigos. Muito pelo contrário, receber (e dar) é um meio de confirmação de que se faz parte de uma rede relacional; e receber presentes melhores – seja qual for o sentido, inclusive em termos monetários – pode contribuir significativamente para a certeza de se ser amado.

A ligação bastante linear estabelecida pelos informantes entre a hierarquia de importância dos seus presenteados e o escalonamento monetário das respectivas prendas, faz-se sentir também na perseguição de uma estrita equivalência financeira a propósito de pessoas diferentes mas entendidas como situadas no mesmo patamar de afecto ou carinho. A regra é bastante clara: se o dispêndio financeiro é justificadamente variável segundo a profundidade das relações existentes, relações equivalentes em termos afectivos exigem absoluta equivalência financeira. As pessoas empenham-se nesse esforço tanto quanto na tradução das mudanças relacionais ocorridas em correspondentes mudanças nos presentes que as simbolizam.

Como nota final desejo deixar reiterada a imagem da circulação de presentes como veículo de sociabilidades. Os presentes trocados pelas pessoas e o subjacente trabalho de apropriação realizado é algo intrinsecamente implicado na consolidação das redes relacionais das famílias e dos indivíduos, algo inequivocamente apropriado e incorporado pelo idioma das sociabilidades. Enquanto tal, o processo multifacetado das práticas de consumo para os outros ganhará em termos da sua compreensão ampliada se equacionado como sucedâneo próximo de outros actos de cuidar.

Bibliografia Referida:

- Allan, G. (1996). *Kinship and Friendship in Modern Britain*. Oxford: Oxford University Press.
- Almeida, J. F., Costa, A. F., & Machado, F. L. (1990). Estudantes e amigos: trajetórias e redes de sociabilidade. *Análise Social*, nº 105-106: 193-221.
- Caplow, T. (1982). Christmas Gifts and Kin Networks. *American Sociological Review*, vol. 47: 383-392.
- (1984). Rule Enforcement Without Visible Means: Christmas Gift Giving in Middletown. *American Journal of Sociology*, 89/6: 1306-1323.
- Cheal, D. (1987). “Showing them you love them”: Gift Giving and the Dialectic of Intimacy. *Sociological Review*, 35: 150-169.
- Duarte, A. (no prelo). *A Antropologia e o Estudo do Consumo: Revisão Crítica das suas Relações e Possibilidades*. Etnográfica.
- Godbout, J. T. & Caillé, A. (1992). *L'Esprit du Don*. Paris: Éditions La Découverte.
- Guerreiro, M. das D. (1996). *Famílias na Actividade Empresarial : PME Em Portugal*. Oeiras: Celta Editora.
- Miller, D. (1987). *Material Culture and Mass Consumption*. Oxford: Basil Blackwell.
- Nunes de Almeida, A. (1993). *A Fábrica e a Família – Famílias Operárias no Barreiro*. Barreiro: Câmara Municipal do Barreiro.
- Pahl, R. (1995). *After Success. Fin de Siècle Anxiety and Identity*. Cambridge: Polity Press.
- Sahlins, M. (1972). *Stone Age Economics*. London: Tavistock.
- Wall, K. (1994). *La Fabrication de la Vie Familiale*. Genebre: Université de Benêve.

Celulares e computadores “pessoais”: um estudo sobre usos coletivos de objetos tecnológicos nas camadas populares

Carla Barros
Escola Superior de Propaganda e Marketing
barros.carla@uol.com.br

Resumo: O estudo tem como objetivo investigar os usos de aparelhos celulares e computadores em um grupo pertencente às camadas populares da cidade do Rio de Janeiro. Através de uma abordagem antropológica e de uma metodologia do tipo etnográfica, procura-se a especificidade cultural das apropriações de objetos materiais tecnológicos em espaços públicos e privados. O foco do artigo recai sobre os usos de celulares e computadores e suas articulações com questões como sociabilidade, apropriações coletivas, inserção social e ciclo de vida dos objetos. A relativização do modo de consumo “individual” dos bens se faz necessária para a compreensão dos significados da materialidade e da constituição da subjetividade no contexto cultural analisado. Tanto no caso de computadores como de celulares, foi possível observar usos como navegações coletivas no primeiro caso e circulação de aparelhos usados no segundo, apropriações que reforçam os vínculos sociais com os pares, sejam eles familiares ou amigos. O computador no espaço doméstico aparece ocupando lugares